

Europa Ocidental Latina, salvando-as do domínio nórdico. Problemas de ordem social (ligados com a introdução do Feudalismo na Inglaterra) e cultural — levando a estudos sobre a língua e a literatura anglo-saxônicas —, surgiram paralelamente aos políticos, merecendo especial referência, a este respeito, os volumes compostos pelo prof. Stenton (*William the Conqueror e Anglo-Saxon England*). Faltam ainda, entretanto, estudos suficientes sobre a Normandia anterior à data de 1066, estudos estes que são indispensáveis para que se possa formar um juízo completo com relação ao importante acontecimento.

Naturalmente, o assunto é vasto demais para ser tratado numa única conferência, mas estranhamos, ainda assim, que o Autor não faça a menor referência ao reflexo do prestígio dos sistemas filosóficos sobre a maneira de se considerar a invasão normanda. Apenas para exemplificar, lembremos que o prof. Sayles já abordou a relação entre o evolucionismo e as idéias de Freeman e achamos muito pouco provável que os próprios marxistas não tenham a sua maneira particular de encarar a invasão normanda. Isto em nada diminui o valor e o interesse do trabalho do prof. Douglas, que numa conferência a respeito de um único fato leva-nos a reflexões de ordem geral abrangendo a totalidade da História.

PEDRO MOACYR CAMPOS

---

MENÉNDEZ PIDAL (Ramón). — *El Cid Campeador*. — Coleção Austral. Espasa-Calpe, S. A. Buenos Aires. Novembro de 1950. 314 págs.

Quando, em perseverante esforço de divulgação e de consciência cultural, a produção de uma Editora alicerçou um prestígio e uma atividade conseqüentes, adquire o legítimo direito de ver realçados determinados rumos de seu louvável caminho. Este é o caso da Editora Espasa-Calpe argentina e da já muito conhecida biblioteca Austral, em língua espanhola. Alguns anos se passaram, desde que essa Coleção iniciou seus trabalhos com a obra de Ortega y Gasset, "La rebelión de las masas". Os primeiros seis volumes da Edição eram anúncio significativo do labor que se impusera; escrupulosamente atentos à fidelidade dos textos, originais ou vertidos ao castelhano por tradutores selecionados; econômicos em sua aquisição; sugestivos pela própria unidade tipográfica. E quanto ao conteúdo, empreendimento admirável, abarcando os mais diversos panoramas do pensamento universal: o ensaio e a filosofia, a política, a novela em todos os seus gêneros, a poesia, a biografia, a reportagem e a história, a fecundidade literária clássica, a ciência e a técnica. E esta soma de facetas da cultura, simbolizada na cor das capas que envolvem cada volume. Ortega y Gasset, André Maurois, Unamuno, o autor anônimo do Poema do Cid e Descartes foram os autores daqueles cinco primeiros tomos que iniciaram a Coleção Austral. Hoje, alcançou o número mil, e quis coroar esta meta, que não é senão longo trecho de um itinerário que não se interrompe, dedicando esse volume milésimo a uma obra do eminente historiador e filólogo espanhol, Ramón Menéndez Pidal. "El Cid Campeador", em primeira edição preparada por seu autor, atual diretor da Academia da Língua Espanhola, é o trabalho que a Coleção Austral acaba de lançar, assinalando esse acontecimento editorial do número mil da Biblioteca. Comemora, assim, como os editores dizem no comentário costumeiro de cada publicação, o alcance da senda percorrida, elevando essa "estátua ao herói da Raça e do Romanceiro que é, também, por estranho desígnio, o símbolo da língua pura de Castela".

Pareceu-me bastante oportuno, que estas linhas de saudação à Editora e de registro da nova obra de Menéndez Pidal constem, no Brasil, precisamente nas páginas da "Revista de História". Porque, embora o "Cid" constitua um

tema literário espanhol, o primeiro da primitiva época castelhana, isso que empreendeu agora Menéndez Pidal — indiscutível autoridade em tudo o que se refere a investigação, análise e crítica do "Cantar de Mio Cid" — é o estudo da personagem histórica, a vida documentada do guerreiro, a realidade do herói, que corresponde a um momento da vida medieval espanhola, num dos primeiros capítulos, e dos mais fortes em conteúdo, da Reconquista. É, pois, um livro de história espanhola. O próprio Menéndez Pidal, no prólogo que escreveu para o seu trabalho "El Cid Campeador", diz que a figura do Cid permanece como a do herói representativo "de um dos momentos mais vitais da magna luta entre os dois orbes históricos, Cristianismo e Islão" e que assim "o Cid vive em plena idade heróico-épica, como os mais cantados heróis da epopéia universal, mas, por sua vez, recebe em cheio a luz da história, que não ilumina a nenhuma das grandes figuras épicas de outros povos".

É bem conhecida, no mundo intelectual hispânico, a plural e sábia atividade de Ramón Menéndez Pidal, digno discípulo de Menéndez y Pelayo. Atividade histórica, literária, filológica, crítica e investigadora. Mas, indubitavelmente, o melhor da sua energia e do seu entusiasmo vocacional foi absorvido, creio-o, por esse "cantar de Gesta" e seu herói que, com boa e justa razão, a história literária espanhola exhibe como glória autêntica dos primeiros passos da poética peninsular. Menéndez Pidal especializou-se no exame das Crônicas espanholas, e é um dos primeiros romanistas mundiais, autor de uma Gramática histórica espanhola (1904), quando já exercia a cátedra de Filologia românica, na Universidade Central de Madri, desde fins do século passado. Foi a publicação do seu "Cantar del Mio Cid, texto, gramática y vocabulario" (1908-1912), o que o fez conquistar definitivamente a sua mundialmente conhecida hierarquia dentro do romanismo. Com um conhecimento, cada vez mais robustecido e sólido, da Idade Média Espanhola, Pidal adentrou-se pelo não fácil campo da investigação do Romance espanhol. Seu discurso de ingresso à Academia espanhola da História, em 1912, versou sobre a Crônica Geral de Afonso X, o Sábio, a mais velha compilação castelhana de anais romanos e lendas heróicas da Espanha. Pidal foi, deve-se confessá-lo, um renovador de métodos de investigação. Em 1914, fundou a "Revista de Filología" espanhola, personificação, primeiro, do seu mourejar universitário e, depois, da escola filológica que tantos discípulos tem tido. O Centro de Estudos Históricos de Madri, outro vivo testemunho do seu incansável trabalho de investigador, publicou sua útil e documentada obra "Poesia juglaresca y juglares", em 1924, inestimável contribuição para a poética medieval. Outra de suas produções culminantes foi a que se publicou em 1926, "Orígenes del español", de saliente importância na Lingüística neolatina. Mas, repetimos, o fruto, a colheita de largos e continuados estudos, espécie de obsessão de Menéndez Pidal, foi o Cid. Já em 1920 dava a conhecer as primícias do seu trabalho histórico sobre o protagonista do poema, com "La España del Cid"; para alguns críticos estrangeiros de categoria Pidal reformava, com essa obra, os conceitos tradicionais que se mantinham sobre a estrutura social da Idade Média. Seu livro de agora, "El Cid Campeador", representa uma saturação da pesquisa histórica da personagem; serviu-se ele de novas fontes. Descobriu dois veios originais da epopéia: o poético, com o "Carmen Campidoctoris", poema anônimo em latim; o próprio "Poema del Mio Cid" e o "Poema de la Conquista de Almería", escrito cinquenta anos depois da morte do Cid; e outro veio; o histórico, com o primeiro texto sobre a vida do herói na "História Roderici", anônima. Vem assim desfazer a falsa e hostil lenda negra do Cid, sustentada por certos arabistas, tais como o espanhol José Antônio Conde e o holandês Reinhardt Dozy, anulando, também, a genial audácia de Masdeu, que negara a realidade do herói castelhano.

A História e a Poesia vieram recompensar Menéndez Pidal de sua quase abnegada faina de historiador do herói castelhano. "A História e a Poesia — entenda-se, a história lealmente documentada e a poesia primitiva — mostram uma conformidade caracterizadora, e isso que não há herói épico mais

iluminado pela História que o Cid. É mais: sucede, freqüentemente, que o caráter real do Cid é de maior interesse poético que o da lenda" (pág. 18 do novo volume). Depois de uma premissa introdutória, este trabalho de Pidal desdobra-se em cinco grandes capítulos: O Cid na corte castelhana; o Cid excluído de Castela; a invasão almorávida; o Cid frente ao Emir Al-Muslimin e Mio Cid el de Valencia. Enfecha-o um epílogo, encerrando uma conclusão histórica sobre aquela época de extrema crise.

"El Cid Campeador" de Menéndez Pidal apresenta, julgo-o, o mérito superior de afirmar pesquisas sobre a história muçulmana da Espanha, principalmente ao advir na península a dinastia dos Almorávidas, que significou um ressurgimento do Islão na Espanha após a anárquica decadência dos reinos de Taifas. Foi com os Almorávidas que se perfilou a personalidade peregrina do herói espanhol, marcando um novo período à restauração da cristianidade. Constitui, pois, a recente obra de Menéndez Pidal, um valioso capítulo ao alcance de todos os que se interessam pela realidade espanhola, pela história da Espanha sob o domínio árabe, capítulo realizado à sombra frondosa e inspiradora da épica do Cid.

LUIS AMADOR SANCHEZ.

---

"AMERICO VESPUCIO — EL NUEVO MUNDO — CARTAS RELATIVAS A SUS VIAJES Y DESCUBRIMIENTOS — TEXTOS EN ITALIANO, ESPAÑOL Y INGLÉS — ESTUDIO PRELIMINAR DE ROBERTO LEVILLIER". Editorial Nova. Buenos Aires, 1951. Brochura de 342 páginas com ilustrações no texto.

A "Editorial Nova" de Buenos Aires, acaba de publicar na sua "Biblioteca Americanista", todas as cartas atribuídas a Amerigo Vespucci, precedidas de um prefácio do ilustre historiador argentino professor dr. Roberto Levillier, personalidade esta bastante conhecida no nosso meio intelectual através do seu erudito trabalho *America la bien llamada*.

O livro, ora publicado pela "Editorial Nova" é, inegavelmente, de grande utilidade para os estudiosos da história dos descobrimentos marítimos nos séculos XV e XVI, porque encerra em suas páginas a principal fonte para se conhecer das viagens e descobrimentos de Vespucci. Todavia, não pertence à "Editorial Nova" a prioridade da publicação na América do Sul de todas as cartas atribuídas ao Florentino, de vez que em 1949 elas foram por nós estampadas no boletim número 100 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo.

Tratando-se do prefácio que o erudito professor dr. Roberto Levillier escreveu para esse livro, temos a dizer que, em resumo, repete a tese que defendeu com brilho na sua citada obra *America la bien llamada* e que é a seguinte: todas as cartas atribuídas a Vespucci, são autênticas; este Florentino realizou 4 viagens ao Novo Mundo, inclusive a de 1497-1498, como narra a "Lettera a Soderini"; na sua terceira viagem, ao percorrer o extenso litoral leste da América do Sul desde o cabo S. Agostinho até a foz do atual rio Camarões que se encontra na Patagônia, descobriu o Cerro de Montevideo e bem assim o Rio da Prata.

Nesta resenha não há margem para se apreciar, como merece, a erudita tese do professor dr. Levillier com quem mantemos amistosa correspondência sobre Vespucci e suas viagens. Oportunamente voltaremos ao assunto, defendendo a nossa tese que, em essência, é aquela do notável professor italiano Alberto Magnaghi. Este emérito professor sustenta com farta documentação, inclusive a cartográfica, que das cartas atribuídas a Vespucci, só são autênticas as que ele escreveu a Lourenço de Pier Francisco de Medici respectiva-